

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA

Como o Ricardo se vingou

Continuação da HISTÓRIA: — AS PARTIDAS do AMADEU

Por LEONOR DE CAMPOS

RECORDAM-SE de que os pais do Ricardo tinham convidado o Amadeu para ir, em Outubro, para Lisboa?

E assim, num dos primeiros dias desse mês, os dois rapazes meteram-se no comboio, a caminho da capital.

Recebidos festivamente pelo pai de Ricardo, pouco depois da chegada, começaram a planejar passeios, visitas a museus, ao Aquário... aos Jerónimos... à Estufa fria...

— «Quero que vejas tudo o que em Lisboa há digno de ser visto...» — declarou o tio.

E o Amadeu passou a viver num deslumbamento. Ele que nunca vira outras cidades senão Viana do Castelo, Braga e Guimarães, — as cidades da sua provincia — sentia-se sufocado de espanto com a extensão e a variedade de aspectos de Lisboa!

Quási sempre o pai de Ricardo os acompanhava nos passeios. Mas quando a sua vida de advogado lho não permitia, era um empregado do escritório o incumbido de os escoltar.

O Ricardo nunca se fazia rogado para sair com o primo. E mostrava-lhe sempre boa cara.

Mas lá por dentro não se sentia feliz. Desde a história do bcta... não voltara a ser para o Amadeu, o que era...

— «Sem me vingar daquela partida, não sossego!...» — resmungava êle, de quando em quando.

Mas como a ninguém confiava a raiva e o desejo de vingança que contra o primo alimentava, nem o pai, nem qualquer outra pessoa de juízo, podiam explicar-lhe que só as almas pequenas se vingam.

Aqueles que possuem coração e cérebro bem formados, nunca se vingam. Confiam na justiça de Deus, que um dia mostrará aos culpados os seus erros!...

Apenas uma desculpa tinha o Ricardo: Os seus anos.

E aos 12 anos ninguém se vingava por maldade. E' por ciancie. Não é assim?

Pois, como lhes ia dizendo, o Ricardo só pensava em se vingar.

Mas ainda não chegara a oportunidade.

Certo dia, depois dum lindo passeio a Cascais e Estoril, regressaram muito fatigados. E na manhã seguinte, o Amadeu queixou-se ao primo de dores de cabeça, má disposição... um aborrecimento...

Ora, estava combinado, para essa noite, uma ida ao cinema. O Ricardo ficou alarmado...

— «Esta agora!... Querem ver que estás doente e lá se vai o cinema?!...»

E então hoje que é o último dia da fita!...» Queres tu engulir um comprimido de aspirina? Pode ser que te faça bem!...»

— «Talvez!... Dá cá!... E não digas que estou assim, senão... era uma vez um cinema!...»

Mas, graças ao comprimido, passou a dor de cabeça, passou o mal estar e, nessa noite, puderam ir ao cinema.

Mas no espírito do Ricardo, começou a formar-se o esboço duma partida. E, no dia seguinte, pô-la em prática. Preguntou ao primo, logo que acordaram:

— «Como te sentes hoje?»

— «Muito bem!...»

— «Não estás com boa cara!...»

— «Estás muito pálido, com olheiras fundas!... Deves estar doente!...»

— «Não estou, Já te disse que me sinto bem...»

— «Ah, sim

Bom. Eu não quero assustar-te!... Mas se



fôsse a ti, ia consultar um médico!... Um condiscipulo meu, que morreu há três meses, começou assim... Dores de cabeça... ao outro dia palidez, olheiras... Enfim!... Tu farás o que quiseres!...»

Calaram-se ambos. Mas, de súbito, o Amadeu empalideceu de verdade.

E exclamou:

— «Deves ter razão!... Estou doente.

Senti agora cá por dentro não sei quê... Tenho que ir ao médico...»

— «Escuta, Amadeu. E' melhor não dizeres nada ao meu pai!... Ele é um aflito. Obrigava-te a ficar na cama um mês e depois mandava-te para os teus pais...»

— «E' verdade!... Nem me tinha lembrado isso!... Que hei-de eu fazer?»

— «Sossega. Não te aflijas. Eu trato de tudo. Vou telefonar ao nosso médico, que é um grande amigo, conto-lhe o caso e logo, à tarde, vais lá com o empregado do escritório!...»

— «E se o teu pai sabe?»

— «Qual sabe, nem qual carapuça?!... Quem lho vai contar?»

Vais ver como tudo se arranjará bem!... Deixa o caso por minha conta!...»

Os rapazes levantaram-se, foram cumprimentar o pai de Ricardo e almoçaram com êle. Mas apenas o advogado saiu, o Ricardo disse ao primo:

O rapaz obedeceu. Então, o Ricardo ligou o telefone para casa dum médico desconhecido. Mandou-o chamar. E, disfarçando a voz, disse:

— «E' o senhor doutor? Eu sou o Amadeu, sobrinho do doutor Castro.

Não sou doido. Logo vou lá ao consultório...»

Desligou imediatamente, sem esperar a resposta do médico. Este ficou embasbacado diante do telefone.

Que queria dizer aquilo? Quem seria o Amadeu... o doutor Castro...»

Aquilo seria brincadeira ou obra dum doido? Como não atinasse com a resposta a estas perguntas, encolheu os ombros e foi almoçar. Preparava-se já para sair, quando o telefone retiniu de novo. Foi êle próprio a atendê-lo. A mesma voz, de ha pouco, repetiu:

— «E' o senhor doutor? Eu sou o Amadeu, sobrinho do doutor Castro. Não sou doido. Logo, vou lá ao consultório...»

O médico tentou ainda falar...

— «Ouça lá: o senhor...»

Mas sentiu que do outro lado desligavam. Enervado, pôs o chapéu na cabeça e saiu. Visitou alguns doentes, Já quasi lhe esquecia o incidente do telefone quando, ao chegar ao consultório, a empregada lhe disse:

— «Senhor doutor: telefonou três vezes um tal Amadeu, sobrinho dum senhor Castro, que me disse que não era doido e vinha aqui hoje... Eu ia marcar-lhe hora, mas não esperou.

Desligou imediatamente...»

Mal a empregada acabava de proferir estas palavras, o telefone tocou.

E outra vez o Ricardo repetiu a sua proeza.

Durante a tarde continuou a brincadeira. Tanto o médico como enfermeira, estavam já em ponto de rebuçado.

Eram seis horas quando, à porta do consultório, parou um taxi.

Aparearam-se êle, o Amadeu e o empregado do tio. Subiram as escadas. Bateram à porta. E ao ver aparecer a enfermeira, o Amadeu armou o seu melhor sorriso e perguntou em voz açucarada:

— «O senhor doutor está?»

— «E' para consultar?»

— «E', sim...»

— «Faça favor de entrar. O seu nome?»

— «Sou o Amadeu, o sobrinho do doutor Castro...»

Mas, neste momento, desenrolou-se, diante do Amadeu e do seu companheiro, um espectáculo impressionante. A enfermeira abriu um olhos espantados e recuou. Sempre a recuar, abriu uma porta e chamou com voz trémula:

— «Senhor doutor: cá está o doido!...»

Um homem de bata branca — certo o médico — avançou para êle e, com ares protectores, disse-lhes, enquanto sorria — num sorriso muito amarelho e os empurrava para a porta:

— «Aí há engano, meus amigos!...»

Não é aqui... A casa que vocês procuram, não é esta... E' outra, ali ao fundo da rua... Numa que tem um muro muito alto, muito comprido...»

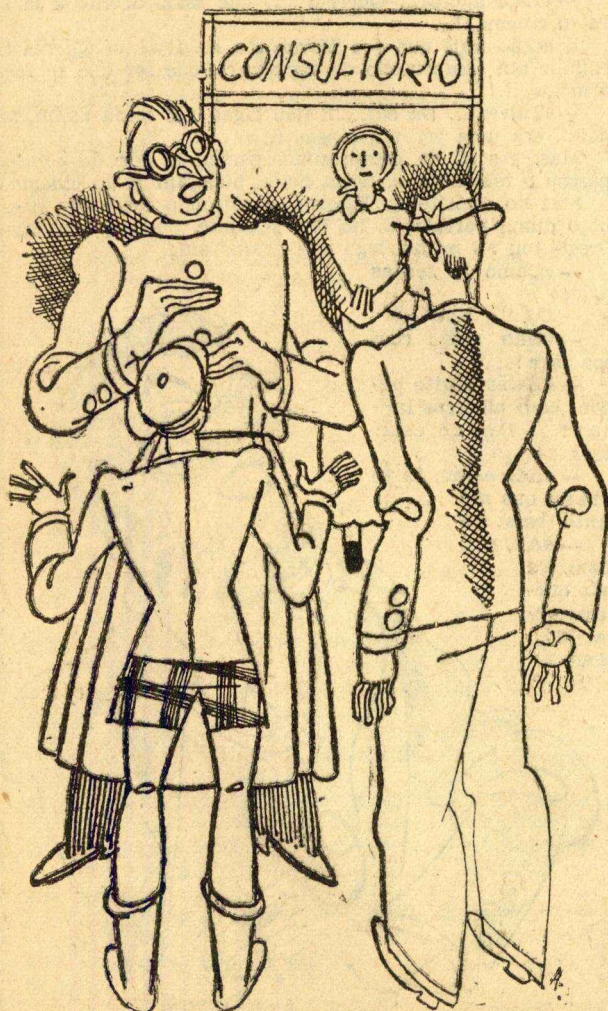
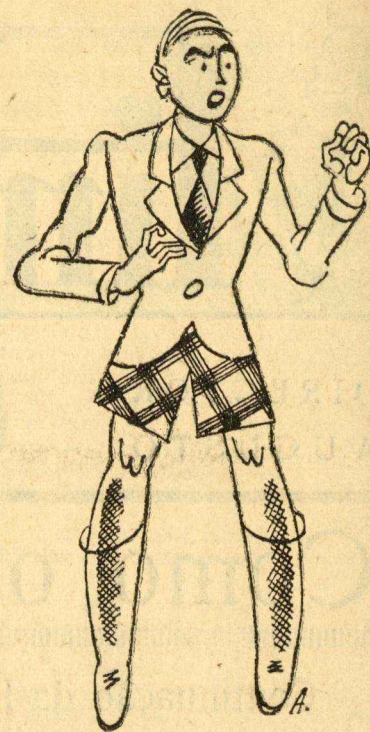
— «Mas então — gaguejou o Amadeu — não é aqui o consultório do...»

— «Não, não... já foi mas agora não é... E' onde eu lhes disse... Adeus, adeus... Vão com Nosso Senhor...»

E deu-lhes com a porta na cara.

O Amadeu e o companheiro saíram envergonhados e admirados.

Mas ao chegarem à rua, logo o empregado do escritório compreendeu o que o médico queria dizer. Estavam na rua



CAMPISMO

POR FLECHA SIBILANTE

CÔMO SE ACENDE UMA FOGUEIRA

Saber acender uma fogueira em qualquer ocasião e em qualquer sítio, é um dos conhecimentos mais rudimentares e práticos que todo o bom campista deve conhecer.

Um dos principais preceitos de que nos devemos lembrar, antes de acender um fogo, por exemplo, numa mata ou num jardim, é aquele que diz:

O bom campista não acende lume algum A MENOS DE 200 METROS de qualquer vegetação, árvores ou arbustos.

Desta maneira, evitar-se-ão incêndios que, embora pequenos, poderão atingir graves proporções e causar incalculáveis prejuízos, sem falar, é claro, nas sanções a aplicar ao transgressor deste preceito...

Nas gravuras desta página, encontrarão os meus amiguinhos algumas maneiras práticas de acender uma fogueira.

O JOGO DE TRINCHEIRA

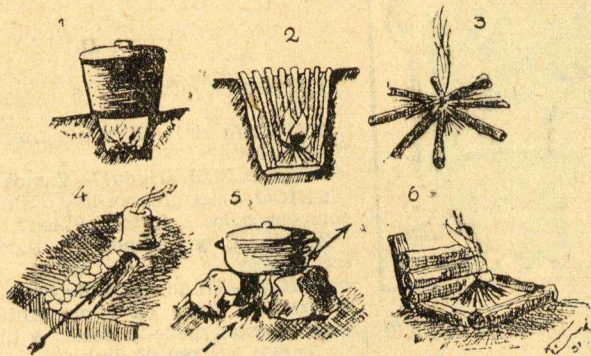
Não se trata, a-pesar-do nome, de algum combate travado entre duas

fôrças inimigas que, abrigadas atrás de sacos de areia e parapetos de cimento armado, fazem chover, uma sôbre a outra, formidáveis barragens de aço e chumbo... Não, senhor! Trata-se, apenas, dum pacífica fogueira (fig. 1), destinada a aquecer a comida dos campistas.

É feita da seguinte maneira:

Num solo compacto, abre-se, com o auxílio dum pequena enxada, um rêgo de trincheira, orientando-o de maneira a que fique voltado para o lado donde sopra o vento. É esta a condição

(Continua na pagina 7)



ENGENHOCAS • Um grande candeeiro eléctrico simples e cómodo

INSTRUÇÕES — VÊR DESENHO NA PÁGINA 6

Meu amiguinho:

Sei que há muito alimentas o desejo de vires a possuir um candeeiro eléctrico, dêsse de mesa, com o qual tu possas estudar, ler ou fazer outros quaisquer trabalhos, sem o receio de prejudicares a tua preciosa vista com uma iluminação defeituosa. Não ignoras, certamente, quais os perigos originados por esta, não é verdade? A luz forte ou fraca em demazia, a má colocação da lâmpada, a posição da tua secretária em relação a esta, tudo isto poderá cansar-te os olhos e tu, fatigado, aborrecer-te-ás em pouco tempo.

Infelizmente, os candeeiros que remediarão todos estes males, são caros e as tuas actuaes posses não te permitem adquirir um, sem um certo sacrificio da tua parte.

Mas não te aflijas, que tudo tem remédio neste mundo...

Nós os dois vamos construir um candeeiro simples e pratico, que, aliado ao pouco custo e interesse que a sua construção despertará em ti, te ajude a passar o tempo entretido. Valeu? Então, mãos à obra...

Como vês pelas gravuras, a sua montagem é simplicissima: Arranjas, em qualquer carpintaria, um bloco de madeira — A, com as seguintes dimensões: 16 cms. de largura, 24 de comprimento e 3,5 de altura, ou espessura. Convém que o bloco seja pesado, pois, como serve de base, evitará que o sistema caia. Depois de convenientemente alizado, com um pedaço de lixa própria para madeira, B e C, com 5 cms. de lado por 2 de espessura. É conveniente lembrares-te de que estás a proceder à primeira montagem, isto é, estás a ordenar tôdas as peças para depois as ligares definitivamente.

Entre os dois quadrados deixas ficar um espaço com 3 cms. de largura, no qual introduzirás, ao alto, uma travessa — D, arredondada na extremidade livre, com 5 cms. de largura, 23 de comprimento e 3 de espessura.

Feito isto, arranjas uma nova travessa — E, de dimensões um pouco inferiores à anterior: 24 cms. de comprimento, 4 de largura e 2,5 de espessura.

Já tens as peças principais do candeeiro. Bem! Agarras num compasso e numa régua e achas o meio das duas travessas: no sentido do comprimento, na D; no sentido do comprimento

e largura, na E. Traças, com um lápis bem aparado, as rectas indicadoras dêsse meios. No ponto de encontro das duas linhas, na peça E, fazes, com uma verruma, um furo de lado a lado, mas não muito largo, outro tanto fazes na peça D, no sítio onde a extremidade se começa a arredondar. Percebes?

A todo o comprimento da espessura da peça E, traças, igualmente, uma outra recta, que a divida em duas partes iguais e, a partir de cada extremidade (f e g) para o centro, marcas, sôbre essa recta, 4 cms. Nesses pontos fazes dois furos pequenos, nos quais enfiarás dois camarões (h e i). Unes, agora, dois a dois, os vértices do tópo t da peça E e, no ponto de encontro das diagonais, fazes um outro furo e introduzes-lhe um outro camarão, j.

Se quizeres dar mais graça ao candeeiro, podes pintá-lo com tinta apropriada, mas antes de teres ligado as peças.

Quando a tinta estiver bem sêca, fixas, bem a meio da base A e por meio de dois parafusos, cada um, os dois quadrados B e C. No espaço existente entre eles, fixas, igualmente por meio dum parafuso, enfiado pela parte debaixo, ou por meio de grude, a travessa D. Por meio dum parafuso manual, que se encontra à venda no comércio, ligas, então, a travessa D à E... pronto, está o candeeiro construído.

Passas, agora, pelos camarões o fio eléctrico e ligas-lhe, depois de enfiado o quebra-luz, a cabeça da lâmpada.

Podes dar ao fio o comprimento que quizeres, por meio duns pequenos cones que introduzirás entre eles e o camarão. O fio, assim prêsso, não escorregará.

A construção do quebra-luz não oferece dificuldades. Há apenas a dizer que o tópo é colado pelos recortes no interior do corpo do quebra-luz e quando este estiver já ligado pelos ataches.

Só te resta meter a ficha na tomada e acender o candeeiro, carregando no interruptor intercalado no fio. A luz virá por si...

E aqui tens tu um formidável candeeiro, pronto a ocupar o lugar que merecia na tua secretária.

Quando quizeres mais luz, fazes variar a inclinação da peça E, largas mais fio e pronto...

NUNO PALACIN PINTO

Gomes Freire. Ao fundo da rua, era o Hospital de Rilhafoles.

— «Olhe, menino — exclamou o homem, desesperado — sabe para onde o médico nos mandou? Para o hospital dos doidos!...

Quando pouco depois o Amadeu regressou a casa e contou ao primo o sucedido, Ricardo ia morrendo a rir.

— «Estou vingado!...» — exclamou êle, por fim, entre frouxos de riso.

Só nesse momento o Amadeu percebeu que o que lhe sucedera fôra partida do primo!...

Ficou tão enraivecido, que nesse mesmo dia queria regressar à sua quinta minhota.

Mas por fim lá se convenceu de que o primeiro culpado fôra êle. E jurou não tornar a fazer partidas, para que, por vingança, a ninguém apeteceço fazer-lhas a êle...

F

I

M

ARTIDAS da PETIZADA

Por MARIA ARCHER

Desenhos de M. LAPA

CENA II

Lili, Zeca, Chico.

CHICO (a rir) — E se nós fizermos uma partida à tia?

ZECA e LILI (rindo) — Vamos a ela!

CHICO — Apanhamos-lhe dinheiro para comprar bôlos à farta... Valeu?

ZECA — E repartimos por todos, lá na escola...

CHICO — Então, Zeca, depressa, veste-te de frade e finge de Santo António... A gente, depois, pede-te coisas e tu dizes à tia Teresa que nos dê dinheiro... Verás que é fácil! Vamos regalar com bôlos aqueles pequenos pöbrezinhos...

CHICO — Ora! Podes sofrer uns martíriozinhos; és santo!

LILI — Deixa pôr o resplendor! (arranjando o Santo António).

ZECA — Pronto! Já faço milagres!

LILI (surpreendida) — Ai! como êle está parecido com um santinho de barro!

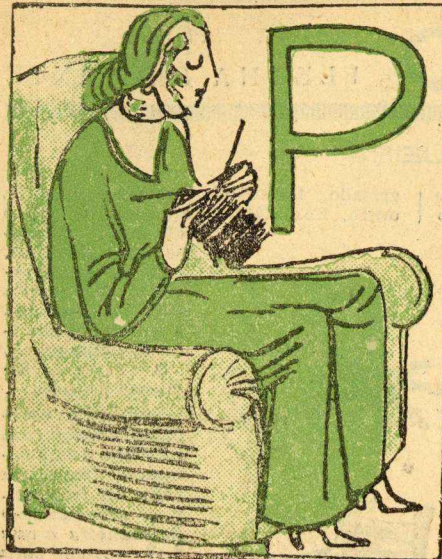
CHICO — Fecham-se as janelas. Assim, no escuro... Mete-te atrás da cortina...

ZECA — Cá estou! Assim está bem?

CHICO — Maravilhoso! Só abres uma nesga da cortina... Assim... Agora tu, Lili, vais contar à tia que eu estou em conversa com o Santo António... E vens com ela, pé ante pé, espreitar...

LILI — E o dinheiro? Como é isso?

CHICO — Eu estou de joelhos e peço



PERSONAGENS: — Chico, Zeca, Lili, tia Teresa.

Os três pequenos têm de dez a doze anos, tia Teresa cerca de setenta. O cenário é uma sala de trabalho, com portas e janelas guarnecidas de cortinas.

CENA I

Chico, Zeca, Lili, tia Teresa.

CHICO (cantando)

Santo Antoninho,
lá do Bonfim,
dai-me um menino
a mim!

ZECA (canta e pula)

P'ra reclame
seja gordinho
e que... (interrompe)

O' Chico, para que querias tu um menino?

CHICO — E tu, para que querias que fôsse gordinho?

ZECA — Eu? Ora! Eu não queria nada!

CHICO (teimoso) Sim, tu querias que fôsse gordinho...

ZECA — Ora! Isso era falar por falar... Foi para te acompanhar na cantoria... Que já é mania, isso de pedir coisas ao santo.

LILI — Eu, se pedisse alguma coisa, pediria-lhe um marido... Lá na minha terra, tôdas as raparigas pedem um marido ao Santo António.

TIA TERESA (interessada) — O' menina, e lá na tua terra o santo faz dêsses milagres?

CHICO — Ora, ora, tia Teresa! Para que queria a tia um marido? Na sua idade já se não casa... Isso é para nós...

TIA TERESA (furiosa) — E tu, para que querias um menino? Os rapazes não são amas sêcas!

ZECA (conciliador) — Está visto! Mesmo o Santo só faz a vontade a quem lhe sabe pedir...

TIA TERESA (zangada) — Vocês são uns maliçados e eu não estou para os aturar... (sal).



ZECA — Mas que visto eu?

CHICO — O roupão de banho do avô...

E as sandálias do primo, as da prála...

LILI — Com o papel prateado arranjo eu o resplendor...

(Vai à gaveta e, com papelão e papel prateado, arranja um resplendor. Os pequenos saem por uns momentos e voltam com o roupão e as sandálias).

ZECA — Ajuda-me (veste o roupão). As sandálias servirão?

muitas coisas... O Santo responde... E é êle quem fala no dinheiro... Percebes? Vai, vai buscar a tia. (Lili sai).

ZECA — E em que língua falo? A língua dos santos é o latim! E eu só falo português!

CHICO — Fala português, homem! E bem explicado! Para a tia não arranjar desculpas...

ZECA — Vá, começa lá!...

CHICO (de joelhos, voz súplice) — Meu

A VIDA ATRIBULADA DA JOAQUINA BISPA

Por ISOLDINA — Desenhos de Arcindo

Numa aldeola sertaneja, onde não passava o combóio e só havia carreiros de carretas, vivia, guardando ovelhas, uma rapariga que, longe da civilização, levava a vida dos animais que guardava.

Um dia, um resinero — destes homens que extraem resina dos pinheiros — teve dó dela, por ser órfã e viver sózinha, e levou-a para casa duma família da cidade, montada num jericó.

Até ali tinha vivido em liberdade, obedecendo só aos caprichos da sua própria natureza. Quando viu que a obrigavam a lavar-se e a pentear-se todos os dias, disse: — «Mau, mau; olhem que eu num 'stou acostumada».

Mas, ainda que lhe custasse, lá se foi habituando. E quando viu os seus grossos pés prisioneiros de uns sapatos que a senhora lhe comprara, isso é que ela suou e chorou, primeiro que conseguisse dar uns passos! Quando já podia andar de sapatos, levaram-na à polícia para tirar o livrete que as criadas são obrigadas a possuir, e para registar o seu nome, profissão, etc. Quando o empregado lhe perguntou o nome, respondeu:

— Eu cá sou Joaquina Bispa.

O empregado olhou para ela e pôs-se a

pensar. Lá lhe descobriu na cara qualquer indicação do que valia a sua inteligência, porque interrogou de novo:

— Como se chama o seu pai?

— O *mê pai num é p'raqui chamado. O que é que bocê le queria?*

— Quero só saber o nome dêle.

— Pois *antão,*

já que tanto ateima, eu le digo Tôda a gente era: *Jóquim Bispo p'r' aqui, Jóquim Bispo p'r'ali; e antão?!*

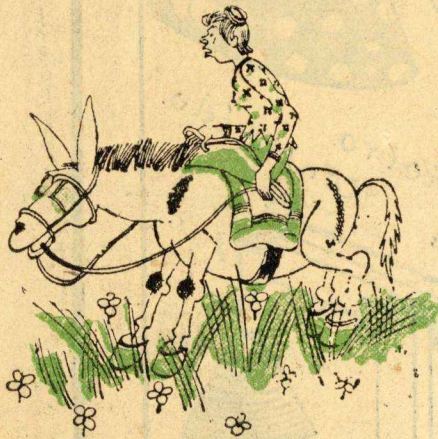
— Ah! era Bispo! Portanto, você chama-se Joaquina Bispo.

— *Cal! Bispo era o mê pai por qu'era home; eu cá nan sou, porque sou mulher, ora a 'stória? O home a modos que num 'stá bum da cabeça. Parece que nunca andou na escola, hein!...*

Quando chegou a casa, ia furiosa e dizia: — «Que terra esta p'rá onde me trouxeram que nem uma pessoa tem licença de usar o nome que le deram, e das mulheres fazem *homes*... Ai! ai! quem me

dera ó pe das minhas companheiras ovelhinhas!»

Dizendo isto, chorava, apertando a cabeça nas mãos, julgando-se a pessoa mais desgraçada do mundo inteiro. Mas as suas amarguras ainda estavam no princípio, como os meninos verão pelos episódios seguintes.



rico Santo António, eu ouvi dizer que a tia Teresa tem muito dinheiro enterrado no quintal. Podereis saber onde está?

(Entram Lili e Teresa, pelo lado das costas de Chico. Ficam em pé, paradas, a escuta).

TERESA (baixo) — Ai! Que grande patifaria!

ZECA (voz celestial) — E para que queres tu o dinheiro da tia, meu filho?

CHICO — Para me casar, meu santinho, e dar uma festa aos amigos...

ZECA (sempre a mesma voz) — E serás bom marido, meu filho?

CHICO — Um marido exemplar... E quero ter um menino que chore, que ria, que diga gracinhas que ande aos pinotes... E para isso é preciso dinheiro... Para pagar à ama...

ZECA — Mas o dinheiro da tia Teresa é dela... E ela também se quer casar...

CHICO — Mas quem está aqui de joelhos, a suplicar, sou eu, não é ela...

ZECA — Pois sim, mas eu sei: — ela quer casar-se... Para parecer bonita, até comprou uma cabeleira nova!

TERESA (voz medrosa, surda) — Ai! que o santinho conta tudo!

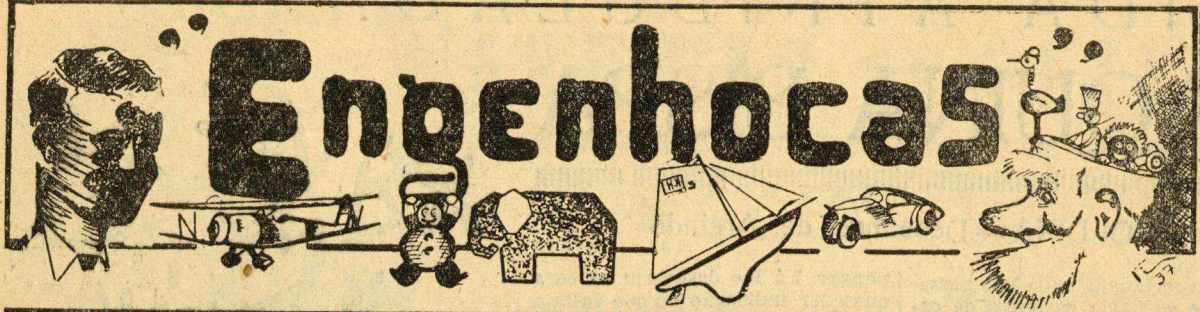
ZECA — E mais uma dentadura postiça! E um olho de vidro! Comprou, que eu sei!

CHICO — Mas a tia Teresa vai parecer uma rapariga! (lisongeiro) Que ela não é nada feia!

ZECA (trágico) — Oh! O futuro! Quem pode prever o futuro! Olha! Os ratos vão-lhe roer os cabelos postiços... E uma noite destas engole a dentadura... E parte o olho de vidro...

TERESA (voz abafada) — Mas que desgraça, que desgraça!

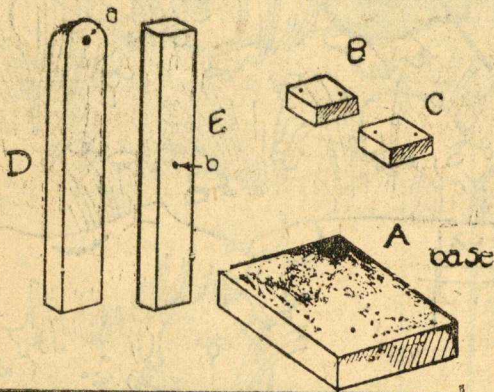
(Continua na página 7)



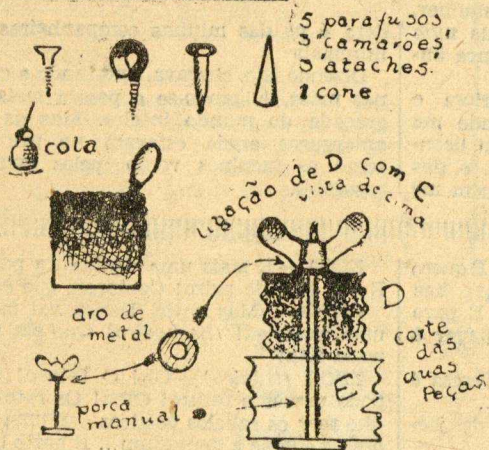
Um Candeeiro!!

Pecas

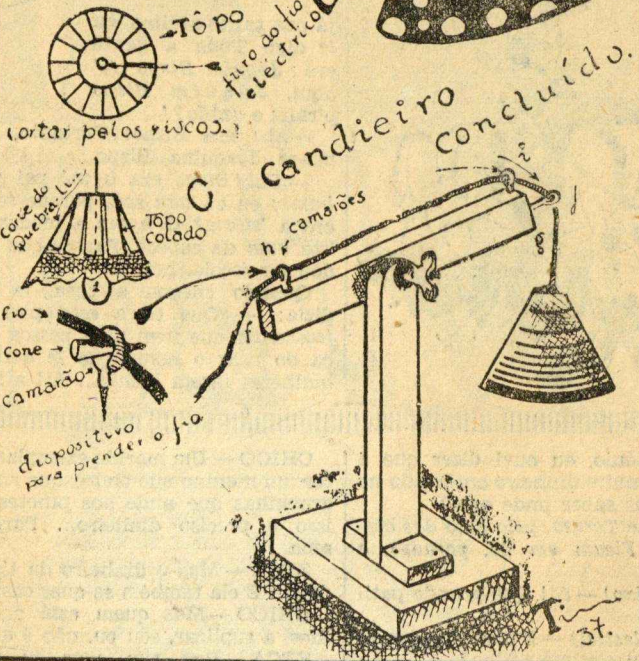
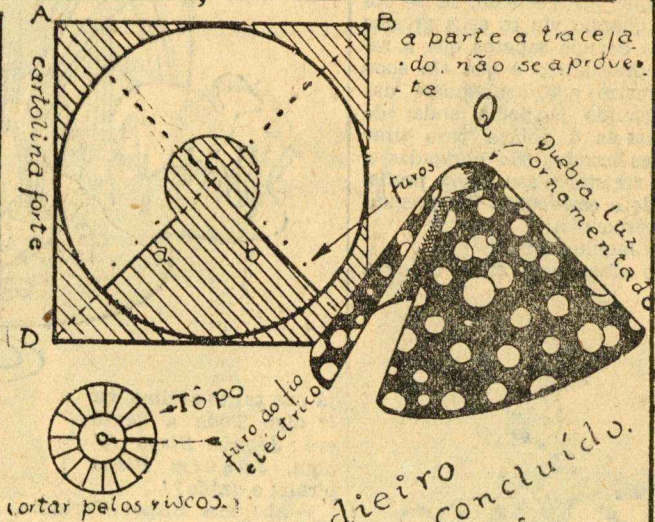
a e D = furos do porca manual



acessorios



Construção do Quebra-Luz.



Bêbé na Praia — (Construção para armar) — Colar em cartolina forte e recortar. A construção é constituída por dois corpos independentes: — o N.º 1 e o N.º 2. O primeiro representa o Bêbé com o seu cão e o segundo o mar, que lhe servirá de fundo e ao qual pode ser acrescentada uma tira de papel azul lustroso que dará a ilusão do céu, e servirá de fundo. — N. B. — É conveniente deixar na base do fundo, um espaço em branco para dobrar.

COMO SE ACENDE UMA FOGUEIRA *(Continuado da página 3)*

fundamental para o fogo não se apagar. Se o solo for arenoso ou pouco compacto, trataremos de consolidar o régo da trincheira com pequenas pedras, de preferência espalgadas. E preciso, porém, não nos descuidarmos, porque as marmitas podem quebrar-se pela acção do calor e, então, traz!... lá se vão por «água abaixo» os vossos acespipes e petiscos, numa tremenda catástrofe culinária. Se quisermos aperfeiçoar esta modalidade da fogueira, teremos de construir, em barro ou em terra amassada, uma pequena chaminé na extremidade oposta, evidentemente, à da entrada da trincheira, como podem ver pela figura 4. As setas indicam a direcção do vento.

O FOGO «PIRAMIDAL»

E éste o nome dado ao que mais



vulgarmente se chama a boa disposição dum fogo (fig. 3).

Para o arranjar-mos, formaremos, no meio duma pequena clareira, um montezinho de ervas secas, tendo o cuidado de, previamente, dispor em cima desse mesmo monte alguns troncos, também secos, de maneira a formarem uma pirâmide.

Um fósforo... uma chama... e, dentro em pouco, uma alegre fogueira crepitará na calma dum dia soalheiro, ou no negrume estrelado duma noite de estio.

A FOGUEIRA AUSTRALIANA

Esta é a fogueira mais interessante e de efeitos mais seguros, que podereis construir (fig. 2).

Primeiro que tudo, é necessário abrir no solo um buraco com 25 a 30 cms de comprimento, por 15 cm. de largura, em cima e 10 em baixo.

Seguidamente, e com a maior pedra espalhada que poderdes encontrar, tratareis de cobrir o fundo do buraco. Em

cima desta pedra, acendereis, então, um pequeno fogo «piramidal» (fig. 3) e, logo que éste esteja aceso, dispoereis à volta do buraco e no interior do mesmo, pequenos troncos e ramos secos. O fogo «piramidal» atear-se-á aos pequenos troncos e estes ir-se-ão consumindo lentamente, deixando como residuo, à medida que vão desaparecendo, magníficas e quentes brasas.

Esta fogueira é tão segura que pode ser acesa mesmo no interior das tendas, contanto que se estabeleça uma ventilação cuidadosa, capaz de expulsar os gazes provenientes da combustão da madeira e que são nocivos para a saúde.

A FOGUEIRA COMUM

E esta a fogueira mais vulgar que há (fig. 5).

Bastam duas grandes pedras, alguns ramos secos, uma boa entrada do ar e... pronto.

E hoje, ficamos por aqui.

PARTIDAS DA PETIZADA *(Continuado da página 5)*

CHICO — Então, meu rico santo, diz-me onde está o dinheiro da tia Teresa?

ZECA (*indignado*) — Vai-te daqui! Tu és o demónio tentador! Queres roubar a tua tia! Vai-te daqui ou reduzo-te a pó, a papas de linhaça, a vinho queimado, a fumo de cigarro!

CHICO (*levanta-se*) — Eu vou, meu santinho, eu vou... Não vale zangar... (*Sai a dizer:*) E esta? Não percebo nada...

CENA III

Teresa, Lili, Zeca (*Teresa ajoelha-se*).

TERESA (*fervorosa*) — Obrigada, meu Santo Antoninho! E obrigada por te ver na minha humilde morada! Mas, primeiro que tudo, devo pedir-te perdão das minhas faltas para contigo... Sim, que eu, no meu tempo de rapariga, costumava pôr-te de molho no pôço do quintal...

ZECA (*pasmado*) — De molho? Como era isso?

TERESA — Perdôa-me, que já foi há muito tempo! Era quando o meu noivo se zangava comigo... Então, eu pegava em ti, punha-te uma corda ao pescoço, e deitava-te ao pôço! Só te tirava quando o meu noivo pedia pazes... Ai! Dize que me perdoados!

ZECA — Por esta vez, vá lá! Mas não tornes!

TERESA — Tu eras de barro e pintado a côres. Desbotaste com os banhos... E perdôa-me, também, rico santinho, tôdas as vezes que te vires de cara para a parede...

ZECA (*espantado*) — Que é isso? O meu professor já me fez dessas! E' horrível! E' um martirio pior que o pôço! Pelo menos o pôço ainda não experimentei...

TERESA — E' o costume, quando se perde um objecto... Reza-se o responso a Santo António e vira-se o santinho para a parede até que o objecto apareça...

ZECA — Pois olha, isso não te perdôo! De cara para a parede, hein?! Que martirio! E para isso se é santo! Não, não te perdôo! Precisas de merecer a minha misericórdia! Merece-a!

TERESA (*suplicante*) — Eu farei tudo o que o meu santinho quiser! Perdão! Perdão! Mil velas de cera! Um altar de prata! Tudo o que fôr preciso! Ah! E se eu arranjasse um marido! O que eu daria ao meu santinho, se ele fizesse o milagre! Eu sou rica, tenho muito dinheiro no banco... Posso casar...

ZECA (*apressado*) — E na algibeira, o que tens? Quanto?

TERESA (*verifica o bolso e conta o dinheiro*) — Trinta e seis escudos e vinte centavos...

ZECA — Põe ali, no bico da minha san-

dália. Eu depois te direi o resto... Agora vai!

TERESA (*levanta-se*) — O que o meu rico santinho mandar...

ZECA (*a Lili*) — E tu não pedes nada? (*Teresa vai a sair*).

LILI (*a rir*) — Juízo... para todos nós... (*gargalhada*).
(*Cai o pano*).

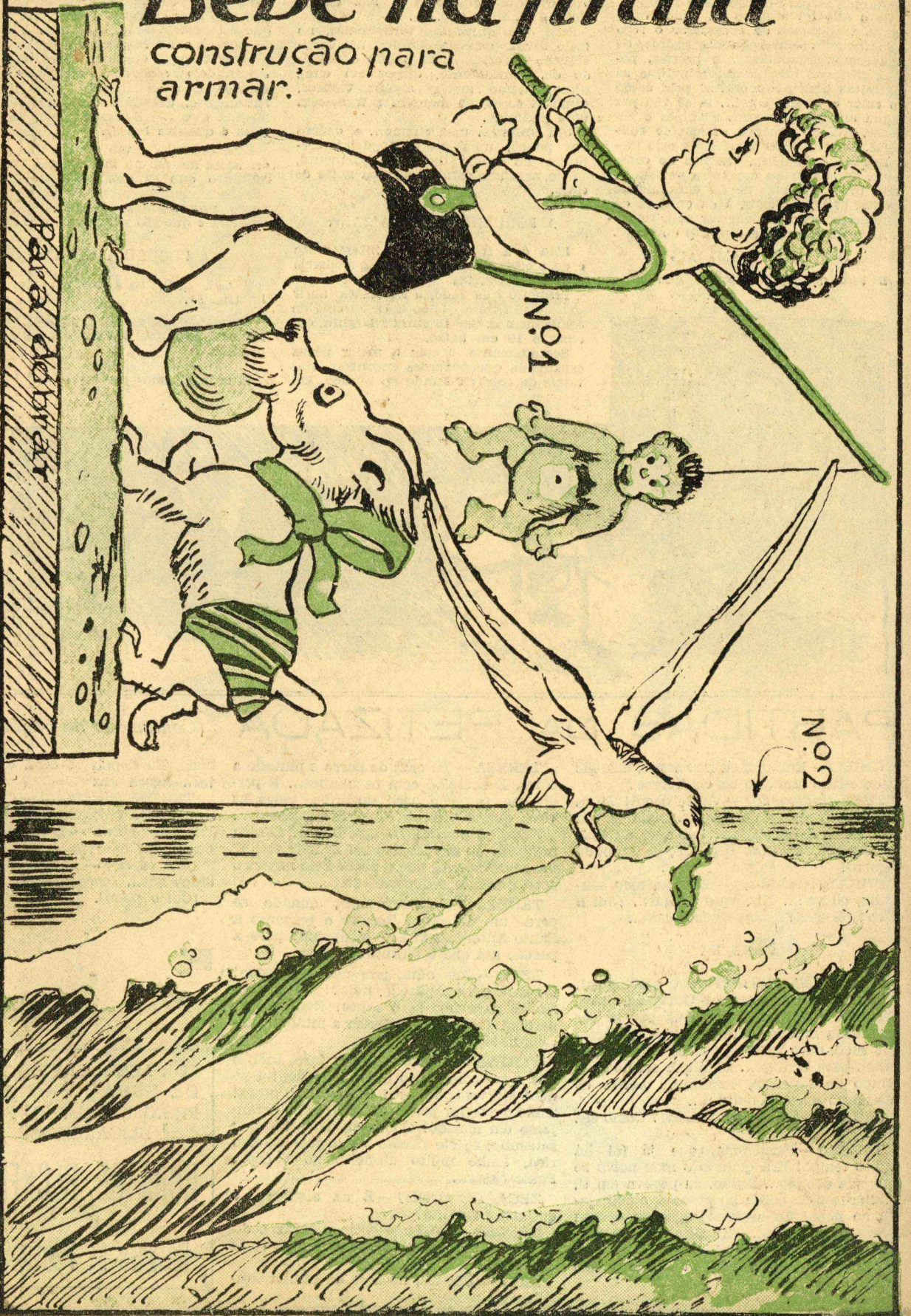
F I M

POR ABSOLUTA FALTA DE ESPAÇO, SO NO PRÓXIMO NUMERO PUBLICAREMOS

HORA DE RECREIO
E
GRANDES DE PORTUGAL

Bêbe na praia

construção para
armar.



para dobrar

Nº1

Nº2